



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA  
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
INTERDISCIPLINARES

MARIA APARECIDA ALMEIDA HOLANDA

A LITERATURA INFANTIL COMO MEDIADORA NA  
DESCONSTRUÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

João Pessoa - PB

2014

MARIA APARECIDA ALMEIDA HOLANDA

A LITERATURA INFANTIL COMO MEDIADORA NA  
DESCONSTRUÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com o Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Professora Maria do Carmo Eulálio

João Pessoa – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

H722I Holanda, Maria Aparecida Almeida  
A literatura infantil como mediadora na desconstrução da discriminação racial [manuscrito] : / Maria Aparecida Almeida Holanda. - 2014.  
52 p. : il. color.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Carmo Eulálio, Departamento de Educação".

1. Racismo. 2. Discriminação. 3. Literatura infantil. 4. Infância. I. Título.

21. ed. CDD 305.8

MARIA APARECIDA ALMEIDA HOLANDA

A LITERATURA INFANTIL COMO MEDIADORA NA  
DESCONSTRUÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização  
Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas  
Interdisciplinares da Universidade Estadual da  
Paraíba, em convênio com o Estado da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau de  
especialista.

Aprovada em: 19 de julho de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Maria do Carmo Eulálio

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Eulálio / UEPB

Orientadora

Monica de Oliveira Simões

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monica de Oliveira Simões

Banca Examinadora

Rochane Vilarim de Almeida

Prof.<sup>a</sup> Ms Rochane Vilarim de Almeida

Banca Examinadora

Aos pais, professores e demais profissionais da educação e todos que se dedicam ao desenvolvimento intelectual e social das crianças.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao co-orientador Rômulo Lustosa pela compreensão, à minha filha Leticia Holanda de Albuquerque e ao Roger Moura dos Santos por compartilharem conhecimentos e ideias fundamentais para a elaboração deste trabalho.

A autora

*(...) a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. (NELLY COELHO, 2000)*

## RESUMO

Situações de racismo e discriminações raciais são vivenciadas cotidianamente pelos negros, este fato é preocupante, sobretudo quando o contrapomos com a ideia de igualdade racial estipulada pelos Estados. É necessário se pensar em alternativas que contribuam para a desconstrução do racismo, isso deve ser feito desde cedo, na infância. A literatura infantil é um instrumento com grande capacidade de influenciar na formação ideológica na criança. Porém, por muito tempo, ela foi usada, dentre várias funções, para reafirmar a hegemonia dos brancos e os valores dominantes europeus. Isto ocorria quando os negros eram representados na literatura sempre como personagens subalternos e quando eles eram, simplesmente, desprezados nas narrativas. Atualmente, embora ainda exista literatura deste tipo, a tendência tem mudado, e os autores devem e tem preferido escrever e contar histórias que ressaltam o respeito às diferenças raciais ao contrário de reafirmar a superioridade branca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo. Discriminação. Literatura infantil. Infância.

## ABSTRACT

Situations of racism and racial discrimination are experienced everyday by blacks people, this is alarming especially when we oppose the idea of racial equality stipulated by the States. It is necessary to think about alternatives that contribute to the deconstruction of racism this should be done early in childhood. Children's literature is a tool with great ability to influence the ideological formation in child. However, for a long time, it was used, among many functions, to reaffirm the hegemony of dominant white and European values. This occurs when blacks were represented in the literature as subordinate characters and always when they were simply discarded in the narratives. Today, although there is literature of this kind, the trend has changed, and the authors should and have preferred writing and storytelling that resaltam respect racial differences to reassert white hegemony.

KEYWORDS: Racism. Discrimination. Children's literature. Childhood.

# SUMÁRIO

1- Introdução.....	10
2- Da discriminação racial e do racismo.....	14
2.1- Da diferença entre preconceito, discriminação e racismo.....	15
2.2- Da origem do racismo no mundo.....	18
2.3- Da formação do pensamento racista nas crianças.....	20
3- Da literatura infantil como instrumento de formação da criança e agente transformador do mundo.....	24
4- Da literatura infantil e do racismo.....	32
4.1- Como a literatura infantil contribui na construção do pensamento ideológico das crianças.....	38
4.2- Análise do livro <i>Pretinho, meu boneco querido</i> .....	40
5- Considerações finais.....	46
6- Referências bibliográficas.....	49

# 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que comporta uma grande diversidade cultural - oriunda da acentuada miscigenação de diversos povos e etnias. O estímulo ao cultivo da cana-de-açúcar no século XVI provocou uma grande demanda de mão de obra no país. Primeiramente tentou-se a utilização do trabalho indígena, mas foram os negros (africanos e seus descendentes) que corresponderam melhor aos anseios da classe aristocrática dos detentores das propriedades rurais. Assim deu-se início a uma divisão de classes sociais baseada no discurso racial que ainda mantém sequelas nos dias de hoje. (MUNANGA e GOMES, 2006)

Estes acontecimentos - fomentadores da configuração social do país - mantiveram os negros, em sua maioria, historicamente pertencentes a setores econômicos menos abastados, e com comprometida qualidade de vida. Apesar de nos encontrarmos no século XXI, os negros ainda sofrem com os discursos de discriminação racial, estas manifestações discriminatórias são, como veremos, bastante presentes na infância, fase em que o impulso ingênuo e inconsequente precisa ser, por vezes, pedagogicamente reorientado para que a discriminação racial seja combatida ainda nos primórdios da formação educativa.

Neste sentido, faz-se necessário pensar em ideias que objetivam uma educação baseada na otimização da cidadania, uma educação que faça com que os estudantes compreendam e convivam com a ampla diversidade que enriquece a cultura do país: elementos afros, indígenas, europeus e etc. E é importante que isso

seja feito a partir das séries iniciais, quando os alunos começam a adquirir as primeiras percepções e leituras sobre a sociabilidade.

A literatura é um ótimo instrumento de formação de ideias e desenvolvimento intelectual para o indivíduo. Para as crianças, a literatura infantil é um recurso utilizado para fins recreativos e didáticos. Portanto, um recurso indispensável para contribuir na introdução de novas ideias e formas de ver e dizer o mundo, como, por exemplo, na desconstrução do racismo dentro e fora das escolas, já que a literatura pode “introduzir discursos afirmativos, humanizadores, sobre diferenças tratadas de forma desigual no contexto social no qual alunos e docentes vivem e se realizam como sujeitos no mundo”. (GOMES E MARTIS apud ALBUQUERQUE, 2010)

Nos últimos anos, houve uma preocupação - por parte do governo, das organizações sociais, das escolas, editoras e autores - em criar histórias infantis e infanto-juvenis que tratam de questões raciais, utilizando-se de personagens negros; são histórias de compreensão fácil que atingem o imaginário infantil sempre caminhando para a abordagem da igualdade racial. Algo inédito na história da literatura brasileira, que traz em sua (quase) totalidade os negros como personagens marginalizados, contribuindo para uma visão estereotipada sobre eles e para uma naturalização do racismo por parte da sociedade que quando não discrimina, omite a existência dessa distinção racial.

A finalidade desta monografia é fazer uma interseção entre os temas literatura infantil e racismo, mostrando como a literatura infantil, através de narrativas que abordam a diversidade racial, pode ser um recurso importante para a formação de ideias que contribuam para a desconstrução do racismo. Analisando de maneira

crítica os discursos pré-existentes de autores que trabalham com os temas: educação, literatura/literatura infantil e negros/racismo.

A primeira parte deste trabalho, intitulada *Da discriminação racial e do racismo*, traz uma abordagem mais aprofundada sobre o tema, mostrando que discriminação racial e racismo são fatos presentes na atual sociedade brasileira, apontando para a importância de combatê-los. Há um tópico ressaltando as diferenças entre preconceito, discriminação e racismo. Há também uma breve análise sobre a origem do racismo no mundo e uma abordagem acerca do desenvolvimento da concepção do racismo nas crianças, fazendo uma analogia com a teoria da *epistemologia genética*, a teoria da formação do conhecimento do pedagogo Jean Piaget.

Abordagens sobre literatura infantil serão apresentadas na segunda parte deste trabalho cujo título é: *Da literatura infantil como instrumento de formação da criança e agente transformador do mundo*. Conceitos e funções da literatura, sua importância para o processo de aprendizagem e formação de ideias nas crianças serão temáticas acerca da literatura infantil serão levantadas nesta parte.

*Da literatura infantil e do racismo* é o título da terceira e última parte desta pesquisa. Nela, mostraremos uma interseção entre os eixos temáticos: literatura, racismo e infância. Inicialmente explicando e apontando exemplos de que a literatura infantil foi por muito tempo – e ainda é – permeada de valores que colocam os negros em um “status” de inferioridade em relação aos brancos, mostrando, inclusive, trechos de obras da literatura infantil clássicas do Brasil que comprovam esse fato.

Na última parte também há uma abordagem sobre como a literatura infantil contribui para a formação ideológica de uma criança, e por fim a análise do livro paradigmático infantil *Pretinho, meu boneco querido* da autora Maria Cristina Furtado, obra que despertou o interesse pelo tema desta pesquisa.

## 2. DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL E DO RACISMO

Uma menina de apenas quatro anos de idade foi chamada de “preta horrorosa” pela avó de um colega, em uma escola particular. Ela não aceitava o fato de seu neto fazer par com uma menina negra em uma apresentação de festa junina. A direção da escola ficou indiferente à situação, o que ocasionou o pedido de demissão da professora que presenciou a ofensa.

O poder judiciário foi provocado, ocasionando a intimação da ofensora, o depoimento dos pais da vítima e de testemunhas para esclarecer o caso, contudo, qualquer medida judicial adotada para esta situação não será de todo capaz de reparar os danos sofridos por quem é vítima de discriminação racial.

O caso aconteceu em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, onde 70% dos casos de racismo contra negros notificados pela ONG SOS Racismo ocorreram no ambiente escolar. Situações como esta não são exclusivas naquela cidade, pelo contrário, casos de discriminação racial contra os negros acontecem em todo país, sobretudo onde os índices de população negra são maiores, configurando, assim, uma disparidade social baseada no fator cor de pele que acaba acarretando consequências em diversas esferas (econômica, educacional, política, entre outras).

Abalos, danos psicológicos, sentimento de impotência e rejeição por quem é ofendido(a) em razão da cor da pele, por isso a necessidade de pensar em soluções que previnam situações como a narrada acima.

Oportuno, para tanto, compreender o racismo em suas diversas nuances: sua gênese ligada a fatos históricos anteriores a escravização dos negros pelos

europeus; o processo histórico que culminou na atual configuração de disparidade racial do estado brasileiro, apontando medidas que estão sendo e que deverão ser tomadas para combater a discriminação racial; compreender como ideias racistas são formadas na mentalidade das crianças; entre outras. Sendo imprescindível, neste momento, destacarmos as diferenças conceituais existentes entre preconceito racial, discriminação racial e racismo.

## 2.1 Da diferença entre preconceito, discriminação e racismo

Preliminarmente, há de se conceber a distinção entre preconceito e discriminação raciais, bem como estes com a concepção do racismo. O filósofo Gadamer (1900 – 2002) desenvolveu concepções oportunas para se compreender o que é o preconceito. De acordo com Reale (2006):

*Gadamer é o filósofo dos “pré-conceitos”, isto é, das ideias que entretencem uma tradição ou cultura. Para Gadamer, “preconceito” não tem significado depreciativo; equivale a “ideia”, “conjetura”, “pressuposição”. Os que hoje chamamos de “juízos” amanhã serão pré-conceitos, e os pré-conceitos de ontem ou de hoje poderão ser os juízos de amanhã.*

Portanto, o preconceito ocorre em razão da *elaboração do passado* (Reale, 2006), transmitido pela convivência social e pode ter caráter positivo ou negativo. A propósito:

*(...) somente no Iluminismo o conceito de ‘preconceito’ adquire a conotação negativa que agora lhe está habitualmente ligada. (Gadamer citado por Reale, 2006)*

Neste sentido, na atualidade, a palavra preconceito recebe sentido negativo, caracterizando o sentimento de repulsão a determinados membros, grupos e categorias. O preconceito pode existir de diversas formas: preconceito contra religiões, gênero, etnias, classes sociais, raças<sup>1</sup> entre outros.

Preconceito, portanto, é sentimento, pensamento, convicção de aversão contra quem quer que seja. Para ser combatida é necessário o diálogo, a fim de compreender quais os motivos que levam uma pessoa a repugnar outra, logo, é algo difícil de ser reparado.

Por outro lado, a discriminação racial é mais grave, já que ultrapassa o subjetivismo do preconceito, como afirma Bento (2006):

*Na maioria das vezes, a discriminação racial apresenta semelhanças com o preconceito. Ou seja, ambos partem de ideias, sentimentos e atitudes negativas de um grupo contra outro. No entanto, há uma significativa diferença entre eles: a discriminação racial implica sempre numa ação de uma pessoa ou de um grupo de pessoas contra outra pessoa ou grupo de pessoas.*

Neste sentido, Bento (2006) também traz um exemplo de discriminação racial que ocorre com frequência no cotidiano brasileiro:

*Francisco, dono de uma empresa, tem preconceito em relação a negros e amarelos. Ele diz que os amarelos são muito calados e não falam o que pensam. Quanto aos negros, afirma que são preguiçosos e bagunceiros. No entanto, quando oferece emprego, Francisco aceita amarelos, mas recusa negros. Podemos concluir que ele tem preconceito em relação aos negros e amarelos. Mas só discrimina os negros, à medida que nega oportunidade de emprego a eles.*

A discriminação ocorre de diversas formas: quando alguma empresa nega um emprego ou quando uma pessoa é impedida de entrar em um restaurante em

---

<sup>1</sup> A polêmica sobre o termo raça será debatida ainda neste capítulo.

razão de sua cor de pele, quando uma pessoa de determinada crença é insultada na rua por uma pessoa de uma crença divergente ou, por exemplo, quando os homossexuais têm alguns direitos civis negados. Inúmeros exemplos que ocorrem na realidade social do país poderiam ser citados sem exaustão.

Neste sentido, entende-se que preconceito e discriminação raciais são conceitos que emergem para significações distintas, mas que estão intrinsecamente interligados ao fenômeno do racismo.<sup>2</sup> Para o sociólogo Johnson (1997):

*Em termos gerais, preconceito é a teoria da desigualdade racial, entre outras formas, e discriminação é a sua prática. Preconceito é uma ATITUDE cultural positiva ou negativa dirigida a membros de um grupo ou categoria social. Como uma atitude, combina crenças e juízos de valor com predisposições emocionais positivas ou negativas. Por exemplo, o racismo que brancos dirigem a negros e outras pessoas de cor inclui crenças estereotipadas sobre diferenças raciais em áreas como inteligência, motivação, caráter moral e habilidades diversas. Essas diferenças são então julgadas segundo valores culturais em detrimento das pessoas de cor e do status elevado dos brancos. Finalmente, elementos emocionais como hostilidade, desprezo e temor completam a atitude, criando predisposições entre brancos para tratar negros de maneira opressora e para perceber sua própria categoria racial como socialmente superior.*

O mesmo autor aponta que o preconceito fundamenta a discriminação, entretanto, também diz que a discriminação não apenas ocorre em virtude do preconceito, apontando, por exemplo, a discriminação positiva existente em políticas de ações afirmativas.

O racismo trata-se da ideia de que uma raça é superior à outra, intimamente ligada, portanto, as ideias de preconceito racial e discriminação racial. Sendo um dos principais problemas sociais da atualidade brasileira, o racismo,

---

<sup>2</sup> Ressaltando a existência de algumas opiniões que tratam o preconceito e a discriminação raciais como fenômenos indistintos.

sobretudo o que coloca os negros no nível inferior aos brancos, faz parte da configuração histórica do país, revelando-se de diversas formas.

## 2.2– Do surgimento do racismo no mundo

Não há um consenso entre os historiadores e demais estudiosos sobre as relações sociais, a exemplo de Carlos Moore, Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, acerca da origem do racismo. O entendimento mais razoável revela que racismo é um fenômeno comum entre a espécie humana, notadamente porque os seres humanos apresentam uma disposição de se distinguir entre os demais, em razão de diversos fatores, inclusive nos aspectos físicos que cada grupo se apresenta. Portanto, houve, desde sempre, na história da humanidade, rivalidades, guerras entre os grupos, manifestações de preconceito e discriminação, entre os povos melanodérmicos ou não.

A questão do racismo, apesar de vislumbrar qualquer concepção de que uma raça é superior à outra - isso inclui qualquer raça, não apenas a negra, a exemplo dos judeus vítimas do racismo ariano (alemães) – está mais amplamente interligada a posição dos negros em relação aos brancos, situação agravada na Idade Moderna, quando da ascensão e dominação europeia nas demais nações do mundo, época em que os povos europeus tomaram o direito de escravizar os negros, apagar fatos importantes sobre a ancestralidade desses povos, renegar sua cultura e valores, torná-los coadjuvantes da história mundial, tratá-los como seres indignos de respeito e compreensão, odiá-los, discriminá-los. (Moore, 2007)

Portanto, entende-se que o racismo é um fenômeno anterior a escravização dos negros pelos europeus, mas, que foi amplamente intensificado após esse fato histórico, repercutindo em pensamentos, comportamentos e outras diversas consequências para a atual configuração social dos Estados, sobretudo do Brasil, onde aproximadamente 54% (cinquenta e quatro por cento) da população é formada por negros e descendentes.

Destaca-se o posicionamento de alguns autores que negam a existência do racismo em virtude do conceito derivar-se da palavra *raça*. Isso porque falar de raça na espécie humana é atitude errônea quando o conceito de raça atribuído aos humanos estiver a mesma conotação do conceito de raça utilizada pelas ciências biológicas para os demais seres vivos, como o foi no século XIX.

No século XX em diante, cientistas vieram a tona para contrariar a ideia de que a espécie humana é dividida em raças. Sobre o conceito de raça, Bento (2006) aponta:

*Em 1950, a Unesco convidou renomados cientistas para examinarem se de fato havia alguma comprovação científica de que a espécie humana poderia ser dividida em diferentes raças. Depois de muito estudo, os cientistas afirmaram categoricamente: os diferentes grupos humanos, em razão das contínuas migrações, não podem ser divididos em diferentes raças. A ciência não tem como classificar rigidamente determinado grupo partindo de características físicas até porque é visível a miscigenação.*

Ocorre que o conceito de raça empregado na atualidade não está fundamentado nestes preceitos biológicos, e sim em uma concepção advinda de processos históricos de aversão e discriminação de determinados grupos em razão de suas características físicas. Neste sentido:

*Raça não é um conceito que possa ser definido segundo critérios biológicos. Porém, raça existe: ela é uma construção sociopolítica, o*

*que não é o caso do racismo, um fenômeno que antecede sua própria definição.*

*Racismo é um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos. (MOORE, 2007)*

Para Carlos Moore (2007), o racismo é um produto histórico e é baseado na aversão pelo fenótipo ou aparência física de determinados indivíduos, no caso: os negros. Portanto, quando os autores falam de população negra, povos negros, raça negra, eles estão se referindo àqueles povos que apresentam determinadas atribuições físicas (pele e olhos escuros, cabelos crespos e escuros, boca e nariz protuberantes, entre outros). Evidente que essas características variam entre os indivíduos, sobretudo, devido aos processos de miscigenação.

### 2.3– Da formação do pensamento racista nas crianças

Em 1939, Kenneth Clark (1903-1983), psicólogo afro-americano, realizou pela primeira vez o Teste da Boneca, que consistiu em uma experiência feita com crianças brancas e negras, as quais deveriam atribuir qualidades de boa/má, bonita/feia para alguma boneca branca ou negra. Aproximadamente 63% das crianças escolheram as características de boa e bonita para a boneca branca e os adjetivos de má e feia para a boneca negra. O mesmo experimento foi repetido mais vezes nos EUA e em outros países da América latina como Chile, México e até mesmo no Brasil, sempre apresentando resultados semelhantes ao verificado no primeiro teste.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Ressalta-se a existência de opiniões que não concordam com o rigor desses testes, afirmando que, muitas vezes, as crianças são induzidas a ter determinadas respostas.

O fato aponta para um debate mais profundo sobre as relações raciais. Em primeiro lugar, ressaltando o processo de naturalização do racismo, onde crianças absorvem o discurso discriminatório incorporado ao cotidiano da sociedade em que vivem e acabam concebendo-o como uma verdade - e se essa verdade não for questionada, em algum momento, provavelmente a criança se tornará um adulto com grande potencial para reproduzir o mesmo modo de pensar e agir discriminatório diante das diferenças raciais para as futuras gerações.

Em segundo lugar, percebemos que muitas das crianças negras submetidas ao teste atribuíram qualidades negativas para a boneca negra e qualidades boas para a boneca branca, isso evidencia um baixo apreço em relação à identidade cultural dos negros, evidentemente em razão dos discursos elitistas de superioridade dos brancos através da discriminação racial, sob suas mais variadas formas, que ora concebe a cultura negra como inferior aos seus valores, ora oculta todo o processo histórico de subordinação dos negros em relação aos brancos - fato que culminou na atual configuração da sociedade contemporânea, sobretudo no Brasil.

Em uma sociedade sem discriminações e segregações raciais, o que se esperaria de um teste deste tipo é que, diante de duas possibilidades, crianças negras atribuiriam características boas para a boneca negra, assim como as crianças brancas atribuíram características boas à boneca branca. O resultado não evidenciaria, assim, um indício de discriminação e racismo - consequência da absorção de ideologias racistas - pelo contrário, apenas o fato de que diante de duas alternativas as crianças atribuiriam características boas para aquela boneca que achar mais parecida com ela.

Os estudiosos que se dedicam à análise das relações raciais, a exemplo de Carlos Moore, em quase sua totalidade, concebem o racismo como produto de uma interação com o meio, que somado com fatores internos ao ser humano (capacidade de absorver, aceitar e/ou negar as experiências e ideias advindas da interação com o meio) fazem com que o indivíduo, no plano de sua subjetividade, crie aversão por determinado raça, algo semelhante à teoria da epistemologia genética de Piaget<sup>4</sup> (1896 – 1980).

O processo de formação do conhecimento humano foi um dos objetos de estudo de Piaget, que o fez a partir da análise teórica e prática, observando, investigando, fazendo coletas de dados a partir de experiências com crianças (do nascimento até a adolescência), analisando e interpretando os dados e fatos, levantando hipóteses, entre outros métodos.

Piaget desenvolveu a chamada *epistemologia genética*, que se trata do estudo do desenvolvimento mental e intelectual das crianças a partir de suas diversas nuances, bem como da gênese do conhecimento humano. A teoria da *epistemologia genética* busca integrar diversos elementos (maturação genética, experiências, transmissões sociais educativas e equilibração), um complementando o outro, em um processo maior que é a formação/desenvolvimento intelectual da criança e, conseqüentemente, da sua produção de conhecimento.

Os fatores os quais Piaget concebe como essenciais para a formação do conhecimento são atribuições internas do indivíduo assim como as contribuições

---

<sup>4</sup> Jean Piaget foi um dos pensadores da pedagogia, cujas ideias servem de aparato para a compreensão das singularidades do universo infantil e para a compreensão de alguns objetivos e finalidades da educação e sistemas educacionais atuais. O pensador concebe as crianças como sujeitos excepcionais e que apresentam processos de formação de conhecimento e mecanismos de raciocínio bem distintos do que se verifica nos adultos.

externas. Estes fatores internos e externos estão em constante diálogo (dialeiticidade), um complementando o outro no processo de formação das ideias.

Neste sentido, a ideia de racismo é formada nas crianças a partir de suas experiências com o meio (presenciar situações de discriminação racial, perceber que os negros, em sua maioria, estão relacionados a marginalização e a status subalternos, entre outros) que, a depender de fatores biológicos de como a criança irá absorver esses eventos, influenciará sua concepção e comportamento diante de questões raciais, como ocorreu no Teste da Boneca.

Por isso dizer que as crianças não nascem racistas e que tal qualidade se desenvolve com sua maturação e convívio com o meio, isto porque elas estão em um processo de formação da identidade e apenas reproduzem o discurso e o comportamento que veem nos espaços em que estão inseridas e na mídia como em programas de televisão, filmes, desenhos, novelas e como não poderia deixar de ser: também na literatura infantil.

### 3. DA LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA E AGENTE TRANSFORMADOR DO MUNDO

Segundo Danzinger e Johnson (1974), a palavra *littera*, do latim, significando letra, originou a palavra *litteratura*, em português: literatura. Tão logo, a partir de sua etimologia, compreende-se que a literatura está essencialmente ligada às letras, palavras, frases, textos... Para cada palavra se atribui um significado, que associada a outras podem expressar diversos sentidos e dimensões, a depender do contexto.

As palavras também podem formar frases e as frases formam parágrafos, versos, prosas, poesias... Mais que isso! A literatura não contempla apenas o aspecto estético da língua: os textos literários - sob os diversos estilos, formas e gêneros - contam histórias, informam, geram conhecimento, contribuem na formação de uma mentalidade e conseqüentemente no jeito de ser de um indivíduo.

Por apresentar diversas funções é que a literatura é difícil de ser conceituada e nunca definida, já que definir é explanar dizeres exatos sobre um determinado objeto que são aceitos universalmente. Pelo contrário, a conceituação é feita a partir de critérios subjetivos de cada autor, a partir de sua visão de mundo. Cada conceito de literatura representa uma visão crítica de quem a conceituou. Ao longo da história, encontramos diversos conceitos e compreensões acerca da função da literatura, uns parecidos, outros conflitantes, outros se complementam. Vejamos alguns:

Para Todorov (2009), citado por Corsino (2010):

*(...) a realidade que a literatura aspira compreender é “simplesmente” (... ) a experiência humana” e a função primordial da literatura seria permitir que cada “um responda melhor à sua vocação de ser humano”.*

Já para Lajolo (2001):

*Com o bloco nas ruas, vamos estabelecer que literatura não tem uma definição. Ela não pode ser definida como pode ser definidos – com certa unanimidade – um composto químico, um acidente geográfico, um órgão do corpo humano. [...] vários tem sido os critérios pelos quais se tenta identificar o que torna um texto literário ou não-literário: o tipo de linguagem empregada, as intenções do escritor, os temas e assuntos de que trata a obra, o efeito produzido pela sua leitura... tudo isso já esteve ou ainda está em pauta quando se quer definir literatura. Cada um desses critérios produziu definições consideradas corretas. Para uso interno daquele grupo ou daquele tempo, correspondendo as respostas ao que foi (ou é) possível pensar de literatura num determinado contexto.*

Assim, fica evidente que o conceito de literatura debruça-se no âmbito da arte. Mais profundamente, um tipo de arte que usa da palavra como instrumento primordial, que revela sentidos, sentimentos, informações, conhecimentos e faz com que o ser humano entre em contato com mundos iguais ou diversos ao seu, mundo real ou imaginário, faz com que o indivíduo afirme sua própria cultura e conheça outras, faz com que os diversos modos de pensar sejam compartilhados. A literatura é arte antiga e está em quase toda parte (televisão, cinema, teatro, livros, entre outros).

A literatura manifesta-se tanto da forma oral, como da forma escrita, revelando experiências de uma dada época, de uma sociedade. Ela está embutida de valores, percepções, visões sobre o mundo de quem escreve/cria, também pode ser interpretada de maneiras distintas por quem lê/ouve. Na citação abaixo, Marisa

Lajolo (2001) nos apresenta as diversas possibilidades estéticas e semânticas existentes no universo da literatura:

*A literatura fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas, e de mundos muito diferentes, onde vivem espíritos, anjos, energias e demônios. A literatura hoje traz para o nosso lado mundos prometidos pela ciência, com seres artificiais sofisticados e com seres naturais manipulados em laboratório. Há histórias com palavras e com imagens e histórias só com imagens. Poemas que são imagens e imagens que são poemas, poemas curtos empilhando palavras, poemas compridos espaçando palavras, poemas com rima, poemas sem rima...*

Além de arte, é também fenômeno linguístico, essencial para o desenvolvimento de habilidades com a escrita, a leitura e interpretação; essencial, pois, para o aprimoramento da comunicação entre os indivíduos; para a formação da criatividade das pessoas; para o melhoramento de suas percepções sobre si mesmo, sobre as relações com outros indivíduos e a sociedade. Neste sentido: *Saber ler e escrever, além de fundamental para o exercício de graus mais complexos de cidadania, constitui marca de distinção e de superioridade em nossa tradição cultural. Tanto para indivíduos quanto para as coletividades.* (Lajolo, 2001).

Portanto, a literatura é instrumento que contribui para formação do pensamento e comportamento humano. Também é um meio pedagógico e de entretenimento, sendo, portanto, indispensável no processo de desenvolvimento do indivíduo, especialmente das crianças, fase em que o interesse pela leitura e escrita deve ser despertado.

Neste sentido, convém adentrarmos na literatura infantil. Para a autora Nelly Novaes Coelho, a natureza da literatura infantil *é a mesma da que se destina*

*aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança.* (COELHO, 2000)

Nelly Novaes Coelho é professora titular de Literatura Portuguesa e Literatura Infantil e Juvenil da USP, valendo-se da necessidade de aprofundar os estudos sobre a literatura infantil, - principalmente a partir dos anos 70 (setenta) quando a literatura infantil ganhou uma atenção especial no contexto da reformulação das perspectivas educacionais no Brasil (tema que será um pouco mais aprofundado adiante) – escreveu, sob amplos aspectos, obras especializadas no assunto como *Literatura infantil* (1984), *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil* (1984), *Dicionário Crítico de Literatura Infantil/Juvenil Brasileira* (1983) e *O Conto de Fadas* (1987).

Sobre os estudos literários infantis, a autora escreveu:

*(...) eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente (...).* (COELHO, 2000)

Neste trecho fica perceptível a função da literatura infantil para a formação da criança. A literatura está presente não apenas como instrumento de aprendizagem no nível escolar (e aprendizagem que não se restringe ao conhecimento e habilidades com a língua, mas que também é imprescindível para a aprendizagem de diversas áreas não relacionada à linguística), onde a criança em constante contato com a literatura, em todas as suas dimensões, desenvolve a escrita, a leitura, a criatividade, aprimora a comunicação. Segundo Fernandes (2003):

*(...) a Literatura exerce um importante papel lúdico, em se considerando o seu ajustamento à evolução natural do pequeno leitor: dirige-se à sua alma para ser entendida pelo seu intelecto, desde que adequada ao seu interesse, nível socioeconômico e faixa etária.*

Assim, a literatura é compreendida como instrumento que auxilia na criação da concepção que a criança tem de si mesmo, auxiliando no desenvolvimento de percepções, sentimentos, pensamentos, mentalidades. Sendo um instrumento de contato com diversos mundos próximos ou não de sua realidade.

Segundo Fernandes (2003), os relatos mais antigos que se tem sobre a literatura infantil é de que ela surgiu na Índia, expandindo-se sob a forma de novelística popular medieval, ainda na forma de literatura oral passada de geração em geração em razão da tradição popular. Tratava-se de fábulas orientais anteriores a era cristã que traziam narrativas com caráter religioso ou mágico.

No século XVII e no período anterior, a existência da infância era ignorada pelos adultos, não havia, portanto, uma percepção da peculiaridade do universo infantil, sendo que as crianças eram consideradas pequenos adultos que deveriam seguir os modelos comportamentais condicionados pela sociedade, conforme aponta Fernandes (2003). Por esta razão, as histórias destinadas às crianças eram permeadas por moralismos, caráter educacional e religioso, apenas a França começou a produzir literatura infantil cujo conteúdo permitia o desenvolvimento da fantasia e imaginação.

Foi durante a ascensão da burguesia e a formação comportamental da família burguesa, no século XVIII, que a criança adquiriu um novo status ante a configuração social, distinguindo-se do ser adulto. Houve, nesta fase, o que os estudiosos chamam de surgimento da concepção de infância, uma etapa singular da

formação de um ser humano, fato que ocasionou uma preocupação maior com o desenvolvimento da criança que, por sua vez, passou a ser considerada como um indivíduo em construção, conforme Silva (2013):

*A infância e a adolescência tal como a conhecemos hoje são uma produção muito recente, até o século XVI acreditava-se que se tratava de um mini-adulto e estes participavam “sem problemas” do universo adulto.*

Foi, portanto, no século XVIII, com o surgimento do conceito de infância que a Pedagogia ganhou um status de saber autônomo intimamente ligado aos processos educativos que as crianças deveriam ser submetidas. Também foi neste período que se deu o desenvolvimento da chamada Psicologia da Aprendizagem. Também não se pode esquecer de mencionar que nesta época houve uma considerável produção de obras literárias infantis como a coletânea de cantigas infantis de Mary Cooper em 1744 e coletânea *Melodia da Mamãe Gansa* de John Newbery em 1760. (Cf. FERNANDES, 2003)

A partir do século XVIII, a criança passa a ser entendida como um ser em formação, que está entrando em contato com a realidade, que está desenvolvendo as suas primeiras impressões com o mundo; e o entendimento sobre si e sobre os outros, conforme Maia (2007).

Por isso, ser importante a criação de uma literatura voltada para este público, atendendo suas peculiaridades, utilizando-se de linguagens fáceis, recreativas, para que a literatura não tenha apenas fins didáticos - como era em épocas passadas, em que as crianças eram vistas como miniaturas de seres humanos, sendo instruídas a seguir determinados comportamentos e condutas. Subordinadas às regras rígidas, às leituras impositivas para que houvesse um rápido

amadurecimento, para que a criança temesse a não obediência aos valores previamente fixados pela sociedade, de acordo com Nelly (2000).

Como fenômeno linguístico, arte e prática pedagógica, a literatura infantil é, como dito acima, impregnada de valores e visões de mundo de quem a cria/escreve/inventa, de quem a indica (pais, professores, entre outros), de quem a lê/ouve/recepciona. Nem sempre essas visões de mundo são compatíveis com a realidade da criança ou com o que se pretende atingir para o seu pleno desenvolvimento pessoal e social, o que acaba ocasionando no desvio de funções essenciais da literatura: o seu papel de proporcionar a inserção social e de transformação.

É por esta e outras razões que deve haver uma análise aprofundada sobre os livros infantis, os valores que estão inseridos neles, qual a mensagem que ele quer passar para as crianças. É preciso estar atento e ser cuidadoso na escolha desses materiais. Neste sentido, é papel primordial dos professores, dos pais e responsáveis escolher adequadamente os livros infantis, de acordo com a educação/formação que se pretende dar a criança.

Nelly (2000) afirma que a educação brasileira, a partir dos anos 70, passa por um processo de reformulação nas práticas de ensino, colocando os alunos como centro do processo de aprendizagem, como um sujeito em formação. Essas novas práticas de ensino devem ser embebidas de valores e visões do mundo que coloquem em primeiro lugar o desenvolvimento harmonioso com o indivíduo em si, com os outros indivíduos e com o mundo.

Valores solidários, baseados na ética e não na moral dogmática, ideais antirracistas ou contra qualquer outra forma de discriminação, a concepção de que o

individuo não nasce pronto, ele está em constante processo de formação e modificação. Esses são alguns dos novos valores que devem permear a educação e ensino como um todo, especialmente a literatura infantil que é um veículo essencial para a aprendizagem.

Opostos aos novos valores encontram-se os valores tradicionais, tais como: individualismo, obediência, racismo, moral dogmática, entre outros. Os valores tradicionais, embora antigos, ainda não estão superados na sociedade brasileira. Podemos encontrar, por exemplo, inúmeras escolas fundamentadas no ensino de uma determinada religião, construindo os currículos escolares impregnados por uma moral dogmática, o que acaba, de certa forma, propiciando a exclusão daquelas pessoas que seguem uma visão de mundo distinta da pregada por esta moral dogmática majoritária.

É, portanto, um desafio para a sociedade brasileira reaver esses valores e, conseqüentemente, a maneira de se comportar e de se relacionar com/e no mundo, de contribuir na reconstrução da literatura infantil juntamente com a revolução do ensino e da criação de novas perspectivas para a educação no Brasil, levando à disseminação de valores solidários, viabilizando uma nova reconfiguração social primada na ideia da justiça e igualdade social.

## 4. DA LITERATURA INFANTIL E DO RACISMO

Como exposto anteriormente, a literatura infantil apresenta um papel essencial para a construção da consciência e ideologia de uma criança. Por intermédio de suas experiências literárias, as crianças costumam contextualizar as situações descritas nas narrativas (conflitos vivenciados pelos personagens, por exemplo) com o que vivenciam em seu cotidiano, influenciando no seu modo de pensar e agir no mundo. Evidente que as experiências literárias podem ser potencializadas e direcionadas para determinado contexto quando ela é mediada por determinadas práticas pedagógicas.

Acontece que a literatura infantil enquanto meio de manifestação e expressão de uma realidade social e cultural, por muito tempo, trouxe - e ainda traz, embora estejamos caminhando para uma mudança de paradigmas em relação às questões raciais - em suas narrativas tradicionais a representação de uma hegemonia cultural dos brancos em relação aos negros, impregnada, portanto, de valores e padrões morais, culturais e étnicos dominantes (eurocentrismo e cristianismo, por exemplo).

O fato acaba instigando as crianças brancas a terem uma certa aversão em relação às pessoas que apresentam características físicas diferentes das suas, caracterizando uma suposta superioridade étnica (ou racial). Por outro lado, as crianças negras ficam submetidas às histórias que quando não ocultam sua identidade étnica, retratam seus semelhantes sempre como personagens estereotipados, que sempre estão à um nível inferior em relação aos brancos.

Isso fica bastante evidenciado quando as narrativas apresentam personagens negros sempre de formas subalternas, levando a criança a conceber a ideia de que os negros devem ocupar esse status social simplesmente em razão de suas características físicas, quando tratam os negros de forma estigmatizada, usando vocabulários pejorativos sempre que se referem aos mesmos.

Exemplos deste tipo foram encontrados na obra *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato (1882-1948), clássico da literatura infantil brasileira. Embora, existam inúmeras contestações, a exemplo de Lajolo e Ziraldo, em afirmar que as obras de Monteiro Lobato não fazem discriminações raciais - alegando que apenas retratavam a realidade social do Brasil já que na época em que foi escrito o país passava por um momento de forte segregação racial<sup>5</sup> – no entanto, como veremos, é incontestável perceber trechos de conotação racista (o que coloca os negros em posição inferior aos brancos) também em obras como *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *Negrinha* (1920).

Não podemos negar, contudo, a contribuição de Monteiro Lobato na construção e divulgação da literatura infantil brasileira, a riqueza de suas obras, sua influência para diversos escritores atuais e importância para o desenvolvimento do imaginário infantil de várias gerações.

A polêmica iniciou quando o Ministério da Educação adquiriu obras do autor para que fossem utilizadas nas escolas de educação infantil e juvenil.

---

<sup>5</sup> (...) é essencial considerar o papel da escola no processo de educação e (re) educação das (e para as) relações raciais, a fim de superar o racismo, a discriminação e o preconceito racial. A despeito do importante caráter literário da obra de Monteiro Lobato, o qual não se pode negar, é necessário considerar que somos sujeitos da nossa própria época, porém, ao mesmo tempo, somos responsáveis pelos desdobramentos e efeitos das opções e orientações políticas, pedagógicas e literárias assumidas no contexto em que vivemos. Nesse sentido, a literatura em sintonia com o mundo não está fora dos conflitos, das tensões e das hierarquias sociais e raciais nas quais o trato à diversidade se realiza. São situações que estão presentes nos textos literários, pois estes fazem parte da vida real. A ficção não se constrói em um espaço social vazio. (GOMES, 2010)

Acontece que o ensino brasileiro deve seguir normas e diretrizes curriculares que, nos últimos anos, em termos gerais, foram elaboradas com a intenção de se ter um processo educativo voltado para a minimização das desigualdades sociais existentes no nosso país, se adequando, portanto, aos ideários constitucionais de democracia racial e igualdade entre os povos.

Neste sentido, denúncias<sup>6</sup> foram feitas em torno de algumas obras de Monteiro Lobato adquiridas pelo MEC e que foram acusadas de conter trechos expressivamente racistas, contribuindo, portanto, para uma visão estereotipada dos negros bem como a propagação do preconceito racial no meio infantil. Tratando-se, portanto, não de uma mera censura, mas de uma obra que, de fato, apresentam em seu conteúdo passagens tipicamente racistas, o que contraria o aparato normativo fundamentado no princípio da igualdade racial. Vejamos algumas dessas passagens:

*Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não, fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. [...] O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não motivo. (LOBATO, 1920)*

*Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos.[...] Uma caridade minha. [...] vivo criando essas pobres de Deus .... Uma órfã. [...] A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal pesados... (LOBATO, 1920)*

*Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, animada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. [...] Uma virtuosa senhora, em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. A*

---

<sup>6</sup> Em 2012, os professores Antônio Gomes da Costa Neto e Elzimar Maria Domingues e o advogado Humberto Adami Santos Júnior entregaram um parecer ressaltando passagens racistas em obras de Monteiro Lobato: (...) *ressalte - se que se torna obrigatório que o uso do livro tenha como imperativo uma leitura pelo viés da desconstrução do racismo na forma definida pela Constituição Federal, pelo Estatuto 6 da Igualdade Racial e na LDB.*

*excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos—daqueles ferozes. [...] Nunca se fizera ao regime novo. O 13 de Maio tirou-se das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. (LOBATO, 1920)*

*Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. (LOBATO, 1920)*

*[...] essa indecência de negro igual a branco é qualquer coisinha: a polícia! (LOBATO, 1920)*

*Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão. [...] Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta. (LOBATO, 1933)*

Ora, além de utilizar termos pejorativos sempre que retrata algum personagem negro, Monteiro Lobato utilizou de representações estigmatizadas sobre uma sociedade que acabara de sair do regime do escravismo. Nestes trechos, percebemos que o autor tinha uma conotação racista, ora inferiorizando os negros, usando de vocabulário com caráter discriminatório, criando personagens negros e atribuindo-lhes comportamentos, sentimentos, emoções e qualidades ruins; ora ressaltando de maneira positiva as pessoas brancas (associando inclusive com a concepção de beleza) e a hegemonia dos valores culturais brancos e cristãos.

Segundo o professor Antônio Neves:

*No mundo encantado do Sítio do Pica Pau Amarelo, os reflexos da senzala ficavam por conta da tia Nastácia e tio Barnabé, estereótipos do preto ignorante, medroso, limitado a seus dotes culinários e ao território da obediência, temerosos de perder a proteção da patroa, a sinhá, como era chamada dona Benta, por ambos. Tia Nastácia, quase uma ama de leite, sem passado, boazinha e acolhedora, tio Barnabé, um sem-terra, meeiro, quase um escravo forro, que vive da permissão da sinhá. Rebelde, mas cheio de censuras, só mesmo o Saci-Pereré, negrinho surreal, esnobe e tempestuoso que está sempre pronto a ser castigado pelas travessuras que o envolve, influenciado pelos netos de dona Benta. Fora do território imaginário do Sítio, o arraiá de Canudos se projeta sobre as convenções sociais da elite branca do lugar. E assim, crescemos nos divertindo com os preconceitos involuntariamente impostos pelas fantasias das reinações de Narizinho. (NEVES, 2013)*

A obra de Monteiro Lobato não deve ser de toda desconsiderada, podendo os professores utilizá-las de modo criativo para tratar de vários aspectos linguísticos ou até mesmo levantar debates sobre inúmeras questões que compõem a obra do autor.

A literatura infantil também pode negligenciar as questões raciais quando oculta em seus enredos personagens negros, ignorando, portanto, a existência de diferenças étnicas e de múltiplas identidades. Por muito tempo, a famosa Turma da Mônica, obra do cartunista Mauricio de Souza que ganhou espaço relevante no cenário literário brasileiro destinado ao público infantil, retratou em suas narrativas as aventuras de personagens brancos, sem fazer referências às relações raciais então vigentes na realidade brasileira.

Recentemente, o cartunista observando as tendências atuais de se combater qualquer tipo de discriminação, sobretudo as raciais tão comuns no processo histórico de formação da sociedade brasileira, tem investido em narrativas que vislumbrem a questão das diferenças. Na narrativa *Discriminação Étnica*, feita por meio de uma animação audiovisual em três capítulos, Maurício de Souza aborda a questão das diferenças sociais, físicas, psicológicas e étnicas presente nos personagens, apontando para a concepção do respeito às diferenças existentes entre os indivíduos. No final do episódio, Maurício de Souza relata:

*As pessoas deveriam valorizar seus traços físicos, a sua cor, conhecer a sua origem, a sua cultura. Tudo isso é muito importante. São essas diferenças que fazem a riqueza e a beleza de um povo. [...] São essas diferenças que nos tornam únicos. (SOUZA, 2009)*

Já nos contos de fadas, há o predomínio de narrativas com ampla representatividade da hegemonia branca, e que, além disso, apresentam elementos que conjuntamente ditam padrões de beleza e comportamento sempre ligados aos personagens brancos: as princesas, por exemplo, em sua grande maioria, são loiras de olhos azuis, brancas, bonitas, bondosas, puras que estão à procura da felicidade através do príncipe encantado que, por sua vez, também são brancos, altos, bonitos, bondosos.

Se por um lado os contos de fadas acedem o imaginário infantil, apresentando às crianças narrativas fantasiosas sobre realidades distantes, também apresentam um lado negativo de não proporcionar, por exemplo, estórias que aproximem as crianças de sua realidade (sobretudo por parte de crianças negras), dificultando assim a criação de uma identidade diante dessas obras literárias.

Neste sentido, disse a escritora africana Chimamanda Adichie no evento Technology Entertainment Design (TED), ocorrido nos EUA no ano de 2009:

*Eu sou uma contadora de histórias e gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que eu gosto de chamar de "o perigo de uma história única". Eu cresci num campus universitário do leste da Nigéria [...] fui uma leitora precoce. E o que eu lia eram livros infantis britânicos e americanos [...] eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve, comiam maçãs [...]. A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos imprevisíveis e vulneráveis em face de uma história principalmente quando somos crianças porque tudo o que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras. Eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar como os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental na minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com pele dar cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podia existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Eu amava aqueles livros americanos*

*e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos, mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são.*

Além da identificação com os personagens negros, a autora reconhecia nas obras literárias infantis dos autores africanos uma identidade cultural, além de que essas narrativas a ajudaram a mudar sua percepção sobre a literatura e sobre o mundo, fazendo-a perceber que a realidade não é formada apenas por brancos como nos livros estrangeiros que ela costuma ler. Mais profundamente, os livros africanos que ela lia, ajudaram-a na construção da percepção que o mundo é formado por várias histórias, inclusive, as que ela pode ser personagem, não apenas pela história do branco, distante de sua realidade, que a fazia naturalizar o pensamento sobre a hegemonia dos valores culturais dos brancos.

4.1 – Como a literatura infantil contribui na construção do pensamento ideológico das crianças

*A criação literária nasce de uma imaginação ancorada na realidade*, disse Marisa Lajolo (2001). Sendo, portanto, a literatura infantil o retrato da produção cultural de determinado lugar e tempo, norteadas pela visão de mundo de cada autor<sup>7</sup>. Desde cedo, as crianças (brancas e negras) são expostas a uma cultura de

---

<sup>7</sup> *O mundo representado na literatura - por mais simbólico que seja – nasce da experiência que o escritor tem de sua realidade histórica e social. O universo que o autor e leitor compartilham, a partir da criação do primeiro e da recriação do segundo, é um universo que corresponde a uma síntese – intuitiva ou racional, simbólica ou realista – do aqui e agora da leitura, ainda que o aqui e agora do leitor não coincidam com o aqui e o agora do escritor.* (LAJOLO, 2001)

discriminação, cultura que acaba sendo incorporada também pela literatura, uma dos principais meios responsáveis pela criação do imaginário infantil.

No universo da literatura infantil, o racismo é evidenciado de duas formas: Em primeiro lugar quando se criam personagens negros e os retratam sob formas estereotipadas. Em segundo lugar quando omitem a existência de personagens negros. Em ambos os casos, percebe-se a presença de elementos narrativos que, quase sempre, denotam um posicionamento racista, tendo a hegemonia da raça branca - de sua cultura e valores em detrimento dos negros.

Ocorre que esses valores dominantes na literatura são facilmente absorvidos pelo público infantil. Naturalizados em sua consciência, esses elementos racistas encontrados em obras de literatura infantil terão grande chance de serem incorporados pelas crianças, contribuindo para a construção de uma ideologia norteada pela ideia de superioridade dos brancos em relação aos negros. Fato, muitas vezes, irreversível.

São vítimas desse processo tanto os brancos que acabam por afirmar sua superioridade racial, gerando a discriminação racial, bem como as crianças negras que, quase sempre, ficam sem referencial na literatura, prejudicando assim a formação de sua identidade sociocultural e concebendo a ideia de que o mundo é mesmo dominado pelos brancos e que não há muito que fazer, a não ser aceitar tal configuração social. E se essas crianças/indivíduos não forem expostas a nenhum diálogo sobre as diferenças raciais que as façam compreender e viver na concepção de ideias de igualdade racial, provavelmente se tornarão adultos preconceituosos que não hesitarão em perpetuar a mesma ideologia a qual foram submetidas.

Para Arboleya (2013):

*A representação social que o negro foi ocupando ao longo da história na literatura infantil, como personagem subserviente ou conivente com os saberes dos brancos, gerou um reforço negativo desta etnia como uma classe inferiorizada e marginalizada cujos personagens obedecem estes parâmetros. Sabe-se que o imaginário infantil, conforme pensa Ribeiro, (1996) é uma possibilidade de construção de um novo imaginário coletivo mais ético e menos etnocêntrico.*

A literatura é um dos principais meios de transmissão da cultura<sup>8</sup>, perpetuando modos de pensar e agir no mundo. Isto significa que ela pode servir, dentre tantas funções, para difundir ideias racistas como também promover a conscientização acerca das igualdades sociais e raciais.

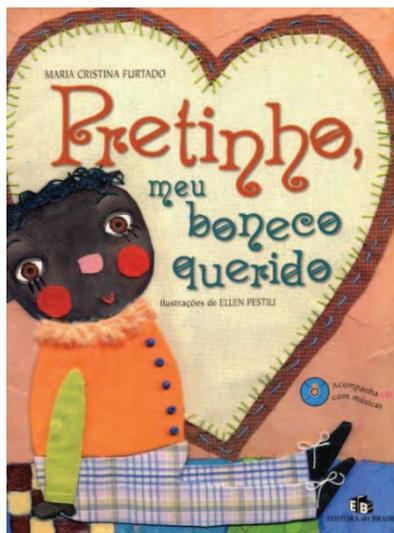
Portanto, a literatura infantil também apresenta uma incontestável potencialidade de reformular os padrões ideológicos dominantes, neste sentido, podendo, inclusive, servir de mediador entre a criança e o mundo. Nestas palavras:

*A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca. (LAJOLO, 2001)*

#### 4.2 Análise do livro *Pretinho, meu boneco querido*

---

<sup>8</sup> Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição. (COELHO, 2000)



Maria Cristina Furtado, autora de livros infantis, mostra a sua preocupação com o respeito, igualdade e dignidade do ser humano. Em seu livro intitulado *Pretinho, meu boneco querido*<sup>9</sup>, escrito em 1992, traz em sua narrativa muitos elementos que em conjunto colaboram para a formação de uma ideologia permeada de valores igualitários, sobretudo que no tange as questões raciais.

A personagem principal da estória é Nininha, uma garota de oito anos de idade, de pele e olhos escuros, cabelos crespos e outras características físicas que atribuímos à raça negra. Nininha pertence a uma família de classe média, tem uma irmã mais velha, um cachorro e passa muito tempo brincando com sua coleção de bonecos. A partir desta descrição, percebemos que a autora criou uma personagem que se assemelha com a realidade social de muitas crianças brasileiras. Isto é favorável, já que muitas crianças leitoras desde já se sentirão representadas neste exemplo de literatura infantil.

---

<sup>9</sup> A edição de 2012 deste livro traz ilustrações feitas com materiais diversos como pinturas, tecidos, fitas, miçangas, etc. Essas ilustrações que remetem a cultura afro são feitas com cores vibrantes, destacam-se nas páginas dos livros o que acaba chamando atenção dos leitores infantis. O livro também é acompanhado por um cd de canções relacionadas com o tema do livro, compostas pela própria autora. As canções foram gravadas em ritmos de reggae e samba, o que também nos remete a cultura negra. Esses atributos contribuem para a realização de diversas atividades pedagógicas em torno desta narrativa.

Por outro lado, a narrativa também apresenta o elemento da fantasia, acendendo o imaginário infantil ao dar vida aos bonecos, atribuindo-lhes características humanas. Percebemos isso tanto no discurso direto de Nininha quanto na fala no narrador. Vejamos:

*----- Eles não são iguais aos outros bonecos, pois confiam em mim. São meus amigos, brincam e falam comigo. (p.5)*

*Todos os dias, Nininha vai para a escola de manhã e a arrumadeira limpa com cuidado o seu quatinho, dando atenção especial aos bonecos. Assim que termina e deixa o quarto, os bonecos adquirem vida, começando a brincar. Aliás, deveriam só brincar, mas eles também implicam, discutem e até brigam... Um belo dia, alguns bonecos jogam bola, outros andam de bicicleta... (p.8)*

O livro também é caracterizado por apresentar narrador em primeira pessoa, que também participa da estória na figura de uma amiga da mãe de Nininha. Em alguns trechos da obra, a narradora também se dirige diretamente ao leitor, este recurso é bastante comum em obras de leitura infantil e acarreta em uma maior proximidade e intimidade entre autor e leitor e entre o leitor e a estória. Como no exemplo abaixo:

*Olhou para ver se chegava alguém e, como estávamos realmente sozinhas, me contou o seu segredo, que agora é nosso, e que quando vocês conhecerem será também de vocês. (p.5)*

Tudo começou quando Nininha escolheu de presente de aniversário um boneco de pele escura, ela gostava da ideia de ter um boneco que fosse parecido com ela. O boneco passou a ser chamado de Pretinho, em razão de sua cor. Ao longo da narrativa, Pretinho sofre discriminação dos demais bonecos ocasionada pela aversão a sua cor. Como nestas passagens:

*[...] e uma confusão começa quando Pretinho pega um carrinho e o boneco Malandrinho tira o brinquedo dele, dizendo:*

---- Sai, Pretinho, você vai deixar tinta preta no carrinho e quando eu for brincar vou me sujar.

O ursinho Malaquias aproveita a ocasião e também implica com Pretinho:

---- Vai jogar bola, Pretinho. Não aborrece!

Pretinho, irritado, responde aos dois:

----Eu quero andar de carrinho!

O boneco Malandrinho reage:

---- Vê se entende, boneco, aqui só entra boneco branco ---- e dá um empurrão em Pretinho.

---- Os bonecos riem... (p. 8 e 9)

---- Eu não quero mais sem preto. Os outros bonecos caçoam de mim. [...] Não gostam de mim porque sou negro. [...] Qualquer coisa que eu faça, logo dizem: "Tinha que ser o boneco preto". (p. 13)

Ao saber que Pretinho estava sendo vítima de preconceito entre os demais bonecos, Nininha, apesar de lamentar a situação, se mostra muito esperta e consciente sobre as questões raciais existentes no mundo:

---- Que horror! Maltratar alguém pela sua cor ou raça chama-se discriminação. Ainda há quem aja assim? Meus pais sempre dizem que discriminar uma pessoa é crime. Eu não posso acreditar que seus amigos e... meus amigos façam isso com você. (p. 13)

---- Pretinho, meu querido, você não sabe o quanto estou triste. Eu não entendo... Meu pai me ensinou que nós, afrodescendentes, somos muito importantes, pois a cultura africana está dentro de cada brasileiro. Está presente na música, na religião, nos alimentos, na formação dos hábitos, costumes, crenças... (p. 14)

---- [...] Eu tenho orgulho de ser negra e você também deve ter esse orgulho! Nós somos iguais. Eu gosto de você como você é, e não se fala mais no assunto. (p.15)

A criação de uma personagem negra - que apresenta sentimentos comuns a todos os seres humanos<sup>10</sup> - que com apenas oito anos de idade entende o que é discriminação racial e ao mesmo tempo em que apresenta uma identidade

---

<sup>10</sup> A afirmação não é óbvia. Por muito tempo os negros foram retratados na literatura geral e infantil como indivíduos inferiores, associados à maldade, dentre outras características ruins.

racial, aceita e tem orgulho, mostra uma mudança de paradigmas em relação a obras mais antigas de literatura infantil, que quando não omite a existência de negros em seus enredos, os tratam de forma pejorativa. A atitude e comportamento de Nininha diante das questões discriminatórias poderão influenciar as crianças leitoras na aceitação de suas características e de sua identidade cultural, seja qual ela for.

A narrativa segue com mais manifestações de discriminação contra Pretinho: os outros bonecos tentam “lavá-lo” para que ele não seja mais preto. Como não conseguiram modificar a sua cor, os outros bonecos tentaram pintá-lo. Com medo e chateado com as atitudes dos outros bonecos, Pretinho consegue fugir pela janela, fica desaparecido por um tempo e todos pensam que ele foi comido pelo cachorro de Nininha.

Além da questão racial, a narrativa também levante outra temática que envolve a natureza psicológica e comportamental do homem: o ciúme. Os demais bonecos não tinham apenas uma aversão pela cor de Pretinho, também não gostavam dele pelo fato dele ter chamado atenção de Nininha, que passava muito tempo brincando com ele:

*---- Então é isso, vocês ouviram mina conversa com Nininha e estão com ciúmes.*

*---- Ciúmes? Que nada! ---- diz Malandrinho. ---- Eu vou ter ciúmes de um boneco preto e feio? (p.21)*

*---- [...] Para piorar, além do preconceito, vocês estavam com ciúmes porque eu dava muita atenção a ele, desde que o ganhei de presente. Será que vocês não entendem? Pretinho era novo aqui e eu precisava dar a ele mais atenção, como fiz quando vocês chegaram. (p.26)*

A participação de Pretinho na narrativa tem um desfecho feliz: ele não foi comido pelo cachorro, estava apenas se escondendo na árvore para não ser atacado. Os outros bonecos ficaram tão preocupados e aflitos por acharem que tinham provocado um acidente muito sério com Pretinho que ficaram felizes em perceber que ele estava bem, e Pretinho os perdoou.

Para solucionar a discriminação existente entre seus bonecos, Nininha apresenta para eles informações, músicas e histórias sobre a cultura negra. Contou sobre o dia da consciência negra e sobre a história de Zumbi dos Palmares, cantou e dançou cantigas populares para que seus bonecos conhecessem um pouco mais sobre os negros e as razões deles serem discriminados, evidenciando a importância de se respeitar as diferenças:

*---- [...] Uma das piores coisas que pode existir é a ignorância. E só a total ignorância pode levar alguém a gostar ou não de uma outra pessoa por ser alta, baixa, gorda, magra, preta... (p.25)*

*---- [...] Minha mãe sempre diz que as pessoas são diferentes umas das outras e isso é muito bom. Já pensaram se todas as pessoas pensassem a mesma coisa, se vestissem iguais, gostassem das mesmas coisas, da mesma comida, tivessem a mesma cor, a mesma raça, fossem do mesmo sexo, torcessem pelo mesmo time de futebol, tivessem a mesma religião? O mundo seria muito sem graça, não seria? (p.38)*

No decorrer da história de Nininha e seus bonecos, podemos fazer uma analogia entre a discriminação vivenciada pelo boneco Pretinho e a nossa realidade de preconceito/discriminação em que estamos inseridos. Para os leitores negros ajuda a desenvolver uma identidade cultural, para os leitores brancos contribui para a compreensão de como o outro se sente ao ser discriminado. Para todos os leitores fica a ideia de que o preconceito nasce do medo, da ignorância e da incompreensão, e deve ser combatido desde cedo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se debruçar na história do povo negro no mundo, especificamente no processo histórico (escravização e marginalização) que culminou na atual configuração da sociedade brasileira, e ao se deparar com inúmeros exemplos de situações de discriminação racial vivenciadas pelos negros no nosso cotidiano, sobretudo em escolas públicas, cria-se uma sensibilidade a respeito das questões raciais e do modo discriminatório de como as relações entre as diferentes raças estão – e sempre estiveram – acontecendo, pondo em xeque, sobretudo, as relações entre negros – quase sempre tratados de forma desumana – e brancos.

Falar de uma sociedade dividida entre brancos e negros é arriscado, diante do fenômeno da miscigenação e, portanto, da diversidade que se percebe entre os seres humanos. Porém, a população faz essa distinção e ela é percebida de vários modos. Brancos e negros pertencem à raças diferentes porque raça para os seres humanos é conceito advindo de um processo histórico de distinção baseada no fenótipo, ou seja, características físicas (cor de pele, formato do cabelo e demais traços físicos).

A história ocidental foi – e é – fortemente marcada pela hegemonia europeia que ditou os valores dominantes. Assim, para ser aceito na sociedade ou para ser alguém visível na sociedade era necessário ser, dentre outras características – branco e cristão, e seguir todos os valores concebidos pelo mundo eurocêntrico.

Esta dominação ideológica durou por muito tempo e vem, felizmente, passando por processos de reformulação, no sentido de aceitar as diferenças entre os povos, diferenças de carácter físico, étnico, cultural; a fim de que se chegue em uma igualdade social de maior amplitude. É por este caminho que tem seguido o ordenamento jurídico brasileiro e o conjunto de políticas públicas, que tem defendido fortemente a democracia racial e social.

A dominação ideológica dos preceitos brancos em detrimento dos negros ocorreu – ocorre – de diversas formas. Há elementos de discriminação racial não apenas no comportamento dos seres humanos, do contrário, a discriminação racial também é percebida nos meios midiáticos, na arte: música, cinema, teatro e literatura. E como se pode imaginar, esses são alguns meios e instrumentos que contribuem na formação do pensamento ideológico das pessoas e que, obviamente, também surte efeitos nos seus modos de agir.

As crianças são amplamente influenciadas pelos discursos que recebem do meio, logo, não seria surpresa se as crianças que estão diante de elementos racistas também propagassem essa ideia e comportamento em seu dia-a-dia. Por esta razão foi de extrema importância se pensar em possibilidades que contribuem na minimização – quem sabe eliminação – de preconceito/discriminação racial.

A literatura infantil é um importante instrumento pedagógico, muito utilizado nas escolas para o desenvolvimento intelectual das crianças em amplos aspectos. Ela contribui para a formação de ideias, concepções, formas de pensar e agir, é por isso que se apresenta como uma “faca de dois gumes”: se por um lado, pode ajudar na formação de ideias sobre igualdade racial, desconstruindo, assim, os

discursos racistas dominantes; por outro lado, também poderá servir para perpetuar estes discursos de hegemonia da raça branca em relação aos negros.

E foi assim por muito tempo. A literatura infantil brasileira de muitas gerações serviu para reafirmar esses valores dominantes, ora retratando o negro de modo hostil, sempre associando-o à características, funções e sentimentos ruins: maldade, feiura, inveja, medo, loucura, ladrão, escravo, empregado, entre outros; ora ocultando personagens negros de suas narrativas.

Mas, essa perspectiva, como dito, tem mudado, e a estória do livro *Pretinho, meu boneco querido* é um exemplo de uma literatura que se preocupa em propagar valores de igualdade, aceitação, convívio harmônico entre as pessoas de todas as cores.

Portanto, a literatura infantil pode/deve servir de instrumento para a desconstrução de ideias racistas e para a formação de uma ideologia fundamentada na igualdade entre os povos, porém não é o único instrumento, também não é suficiente para destruir de vez esse mal. Neste sentido, é necessária a contribuição de todos, brancos, negros, mulatos... Pais, professores, escolas, movimentos sociais, governo, sociedade, todos precisam contribuir, fazer sua parte, seja editando leis, seja respeitando o próximo no dia-a-dia, nos hábitos dos cotidianos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A.A.V.V. **Cultura política, historiografia e ensino de história** / Martha Abreu, Rachel Soihet, Rebeca Teixeira (orgs.). – 2.ed. – Rio de Janeiro: José Olímpio, 2010.

A.A.V.V **Coleção Explorando o Ensino - Literatura**. v.20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ARBOLEYA, Vanderlei José. **O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros**. Disponível em: < <http://arquivo.geledes.org.br>>. Acesso em: 29 de maio de 2014.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**: Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Cidadania em preto e branco**. São Paulo: Ática, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Trad. Arlene Caetano. – 16. ed. – Paz e Terra, 2002.

BROOKSHAW, David. **Raça e Cor na Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única. Imagem em movimento.**

Disponível em: <[http://mestrevirtual.blogspot.com.br/2012\\_08\\_01\\_archive.html](http://mestrevirtual.blogspot.com.br/2012_08_01_archive.html)> .

Acesso em: 27 de maio de 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico Da Literatura Infantil/Juvenil.** São Paulo: Ática, 1991.

FERNANDES, Dirce Lorimier. **A literatura infantil.** São Paulo: Edições Loyola; 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino, MUNANGA, Kabengele. **O Negro no Brasil de Hoje.** São Paulo: Global, 2006.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2008.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura.** São Paulo: Moderna, 2001.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: Novas bases epistemológicas para a compreensão do Racismo na História. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NEVES, Antônio. **Literatura infantil brasileira é racista?** Disponível em: <<http://professorantonioneves.blogspot.com.br/2013/11/literatura-infantil-brasileira-e-racista.html>>. Acesso em: 28 de maio de 2014.

REALE, G. **História da filosofia**, 6: de Nietzsche a Escola de Frankfurt. São Paulo: Paius, 2006.

SILVA, Alderon Marques Cantanhede. **O Surgimento Recente da Infância e Adolescência e Atuais Políticas de Saúde Mental no Brasil**. Disponível em: <[www.psicologado.com.br](http://www.psicologado.com.br)>. Acesso em: 05 de junho de 2014.

SOUSA, Maurício de. **Discriminação étnica** (segunda parte). Imagem em movimento. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=H1s-tqAfNbo>>. Acesso em: 29 de maio de 2014.

PADILHA, Marcio de Almeida, Silva, Ironildes Bueno. **Brasil – De Cabral a Cardoso**. Goiânia: Renascer, 2000.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

